



AS DOBRAS

AUGUSTO LA FERE

Ars Verbi

AS DOBRAS

AUGUSTO LA FERE

AS DOBRAS

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

Créditos

As Dobras

© 2024 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*TM

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988750-3-9

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Dedicatória

A quem sustenta o instante
sem querer retê-lo.

A quem encontra abrigo
no que se curva,
no que silencia.

A quem entende
que cada dobra
é também caminho.

“A verdadeira quietude não é ausência de movimento,
mas o equilíbrio de todos os movimentos.”

— *Zhuang Zhou (Zhuangzi), séc. IV a.C.*

Sumário

Prólogo.....	1
Movimento I – O Fio.....	3
Movimento II – A Leveza.....	20
Movimento III – O Brilho.....	37
Movimento IV – A Raiz.....	54
Movimento V – O Gesto.....	71
Epílogo.....	88

Prólogo

Este livro-poema
não quer ensinar,
nem erguer muralhas de som.

Ele se abre como dobra
onde a luz se curva sem pedir,
e o ar permanece na fresta.

A dobra que fica
não está no fim do caminho —
está no pano morno,
na brisa que não se explica,
no gesto que demora sem peso.

Cada verso dobra,
cada pausa é uma costura.

Permaneça:
a claridade é dobra,
e o silêncio, vão.

Movimento I – O Fio

1. Fio na vidraça

Um fio de luz trespassa a manhã,
escorrendo pelo vidro embaçado.
Ele não prende — apenas revela
a linha frágil que liga o agora ao depois.
A mão que hesita em tocá-lo
descobre, no próprio hesitar,
um modo de permanecer.

2. Horizonte de linha

No limite do olhar,
a linha do horizonte pisca.
O vento sopra a fibra da paisagem,
como se o mundo fosse um pano
esticado entre dois instantes.
O caminho não pede pressa:
é o próprio ar que nos leva.

3. Tremor da manhã

A primeira claridade se curva,
tremendo no ar frio.
Tudo parece mínimo,
até que o pano sobre a mesa,
na sua dobra morna,
guarda a memória de mãos passadas.
No reflexo breve,
um coração respira.

4. Sombra alongada

A sombra se estende no assoalho,
um fio desenhado pela luz lateral.
Não é ausência —
é a presença do dia em repouso.
Dedos pousam na madeira
e encontram calor.
O vazio se deixa habitar.

5. Gota em caminho

Um fio de orvalho escorre na vidraça.
A gota não corre apressada,
mas traça lentamente seu destino.
Assim também o tempo:
gota que cai,
mas guarda no traço
um clarão de eternidade.

6. Galho no vento

O galho se curva no sopro.
Não quebra, não resiste:
acompanha o ar.
Na mesa, o tecido repousa.
Quem o toca descobre
que até a fragilidade
pode ser força.

7. Traço na penumbra

Entre luz e sombra,
um fio cruza o ar parado.
O pano, guardando calor,
se torna mapa invisível.
Na borda do copo,
a penumbra brilha.
O instante não guia:
apenas acolhe.

8. Linha inalcançável

O horizonte arde em linha fina.

Não é meta,
é lembrança de distância.

O pano é morno,
o sopro leve,
a mão traça no ar
um gesto sem destino.

9. Tremor da água rasa

Um fio de luz dança sobre a água rasa.
Não há fundo que explique:
há tremor que basta.
Na terra, a raiz se firma,
e no silêncio,
um corpo repousa.

10. Madeira reluzente

A madeira guarda passos antigos.
A luz a percorre,
fazendo do chão um espelho calmo.
No ar,
um murmúrio de brisa.
No coração,
um lugar de abrigo.

11. Orvalho que não espelha

Na vidraça,
uma gota cai —
não espelha,
não suspende.

O pano tem uma dobra
que não desdobra,
a brisa bate e para,
o copo devolve um clarão
que não ilumina ninguém.

Nada pesa,
nada fica,
o agora só escorre.

12. Sombra tecida

A sombra é tecida como fio de lã
sobre o chão macio.

O vento a percorre
sem desfazê-la.

A mão que a traça
não busca domínio:
apenas descobre
que até o escuro respira.

13. Raiz que lampeja

Na madeira, a luz pulsa.
O pano, guardião do calor,
recebe um sopro breve.
A terra responde com firmeza,
lembrando que até o clarão
precisa de chão.

14. Galho cintilante

O galho brilha na tarde clara,
curvando-se ao vento.
Nada nele é grandioso,
mas tudo é vivo.
A mão repousa,
o tempo acompanha,
o coração se ancora.

15. Fio em penumbra

Um fio dança no quarto escuro,
trazendo memória de dia.
O copo reflete seu lampejo,
e na hesitação do gesto
descobre-se um abrigo:
mesmo o quase invisível
pode aquecer.

16. Horizonte murmurante

No entardecer,
o horizonte não chama — murmura.
O vento roça a pele,
a mesa respira,
a mão desenha no ar
um gesto leve.
O instante se curva
e, no silêncio,
a vida se faz companhia.

Movimento II – A Leveza

17. Brisa pela fresta

A brisa entra sem anunciar-se,
desenha no pano um movimento quase
invisível.

Não leva nada,
não pede nada:
apenas abre espaço.
O instante aprende a respirar.

18. Folha suspensa

No pátio, uma folha treme.
Não cai, não se rompe —
permanece em dança.
A porta range devagar,
e nesse som de madeira
há também um gesto de acolhida.

19. Sopro no vidro

O vento passa pelo vidro aberto,
fazendo-o cantar em leve tremor.

A mesa treme junto,
como se o ar fosse música.

O coração acompanha o compasso,
sem desejar mais do que a pausa.

20. Vento no pátio

A corrente circula entre paredes,
pousa na pele,
faz a sombra mover-se.

Nada é pesado:
até o calor se torna leve,
como se o corpo fosse um galho
aprendendo a balançar.

21. Sopro que não ensina

Pela fresta,
um sopro entra e sai —
não erra,
não acerta,
só passa.

O copo cai,
não treme,
não ensina nada.

Nada fica,
nada parte,
tudo só se molha.

22. Murmúrio no corredor

O vento percorre o corredor estreito
e fala uma língua sem palavras.
A mesa se curva em silêncio,
a água no copo se inquieta.
Quem escuta entende:
não é ausência,
mas companhia que passa.

23. Pano e vento

O pano levanta-se no sopro.
Não resiste,
não cede:
segue o ar.
Há uma lição aí:
a vida é mais firme
quando aprende a ceder.

24. Ar na penumbra

Na penumbra, a corrente leve
faz a vidraça estremecer.
Não é tempestade:
é lembrança de respiro.
O instante se revela
como casa arejada.

25. Fresta fina

Da fresta fina sai um sopro morno.
O pano balança devagar,
a madeira devolve um brilho.
O corpo, ao senti-lo,
descobre-se hóspede
de um tempo sem pressa.

26. Tremor do pátio

O pátio aberto recebe o vento.
A folha treme, mas não cai.
No chão, a sombra dança,
e o calor não pesa.
Até a espera aprende
a ser companhia.

27. Silêncio de madeira

O ar toca a madeira antiga,
fazendo-a falar em rangeres sutis.
A mesa vibra como corda de violino.
Quem escuta percebe:
até o silêncio
tem notas invisíveis.

28. Ar suave

A brisa se insinua no pano,
não o desmancha,
mas o envolve como véu.
Na palma aberta,
o ar é gesto de bênção.
A leveza é esse contato
sem peso.

29. Terra respirando

O vento baixa ao chão,
faz a poeira levantar
em dança breve.
A terra parece respirar.
E nesse fôlego oculto
há um consolo:
o mundo também é corpo.

30. Vidraça translúcida

A vidraça cintila no sopro.
Não mostra fora,
não mostra dentro:
mostra apenas passagem.
Tudo o que tremula
é também presença.

31. Vão aberto

No vão da janela,
a luz se mistura ao vento.
A madeira aquece,
o pano cede.
No encontro do claro e do leve,
o tempo se abre em claridade calma.

32. Folha leve

No jardim, a folha dança sozinha.

Não cai,

não se fixa:

suspensa, ela ensina

que ser leve

é permanecer sem peso,

como quem habita

o instante.

Movimento III – O Brilho

33. Reflexo na água

Na superfície rasa,
um reflexo se agita.
Não guia,
não prende:
só aquece o olhar
como quem oferece
um instante de claridade.

34. Fagulha discreta

Na penumbra,
uma fagulha insiste.
Não é clarão,
não é chama —
é lembrança de luz
guardada no escuro.

35. Clarão dançante

A água devolve
um clarão que dança.
Na mesa, o pano o guarda,
como se a memória
fosse também luminosa.

36. Brasa na lareira

O fogo arde baixo,
não consome,
mas sustenta.

No gesto de aquecer,
a brasa ensina
que até o mínimo pode durar.

37. Luz rasa

Um brilho toca a terra,
fazendo do chão
um espelho temporário.
A dobra que fica é isso:
ver no raso
a profundidade escondida.

38. Clarão na vidraça

Na vidraça,
o reflexo pulsa.
Não mostra o mundo,
mas inventa outro:
feito de transparência
e tremor.

39. Brilho na penumbra

A penumbra não se apaga,
mas cintila em segredo.
Quem olha de perto
descobre:
até o silêncio tem faíscas.

40. Lareira pulsante

Na lareira,
a brasa pisca.
É chama que não devora,
mas que devolve calor
ao corpo que espera.

41. Reflexo vivo

Na água leve,
um reflexo respira.
Não é imagem,
mas presença.
No coração,
o mesmo tremor.

42. Luz na madeira

O chão antigo brilha,
não pelo polimento,
mas pelo tempo.
Cada passo,
cada marca,
é claridade que ficou.

43. Brilho de terra

Na terra úmida,
um brilho inesperado.
A vida insiste em mostrar
que até o mais pesado
é capaz de cintilar.

44. Chama contínua

A brasa não se apaga:
repete o calor,
renova o instante.
É chama sem pressa,
clarão que respira
no silêncio.

45. Água tremulante

Um reflexo dança
na água parada.
Não leva,
não traz:
apenas abre
um outro tempo,
mais lento.

46. Luz que não chega

A luz não chega a ferir o pano,
nem a desdobrar a sombra.
Fica no limiar,
como respiração suspensa.

O pano guarda uma abertura
que não é furo, nem costura —
é apenas um lugar
onde o brilho desiste de ser espelho
e aprende a ser ausência companheira.

Não há mesa que o explique,
nem chão que o reclame:
só esse quase-luz
que não ilumina,
mas habita.

Como a brasa que já não arde,
mas ainda é pulseira no escuro.

47. Brilho suspenso

Na penumbra,
um brilho repousa.
Não sobe,
não desce:
fica suspenso
como se fosse
respiração.

48. Brasa calma

A lareira pisca de novo.
Não chama atenção,
mas embala o silêncio.
O brilho é companheiro,
não espetáculo.
É luz que permanece.

Movimento IV – A Raiz

49. Raiz exposta

Sob a terra macia,
uma raiz se mostra.
Não é fragilidade:
é pulso à vista,
respirando com o chão.

50. Peso leve da terra

A terra acolhe o peso do corpo.

Não oprime:

sustenta.

A leveza também mora no fundo.

51. Pulso no chão

A raiz pulsa,
fazendo do solo
um coração escondido.
O passo aprende
a se tornar batida.

52. Solo macio

A palma toca o chão.
Não há dureza,
apenas memória de passos
e promessa de permanência.

53. Linha subterrânea

No escuro da terra,
há linhas que não se veem.
Mesmo ocultas,
sustentam o dia inteiro.

54. Terra sob o passo

Cada passo se firma
sem pressa.
O chão não foge:
aceita o gesto
como quem recebe água.

55. Firmeza suave

A raiz não é muro,
é abraço.

Curva-se ao vento,
mas não se rompe.

56. Calor no chão

O solo devolve calor
à mão que o toca.
Não há frio na terra:
há fôlego profundo.

57. Pulso da raiz

A raiz treme com a brisa,
e mesmo imóvel,
acompanha a dança do ar.

58. Terra cintilante

Um brilho pequeno
desce ao chão úmido.
Até a terra,
tida como sombra,
guarda claridades.

59. Raiz curvada

Ela se curva
como quem escuta.
A raiz aprende
que também há leveza
em inclinar-se.

60. Fundamento leve

O chão é base,
mas não é prisão.
Segura o passo,
mas deixa o corpo ir.

61. Chão respirando

O solo inspira,
expira.

A raiz acompanha
como se fosse pulmão
da própria terra.

62. Brisa no solo

Mesmo no fundo,
há vento que chega.
A raiz se move
com sopros invisíveis.

63. Firmação da raiz

No escuro,
ela se ancora.
Não precisa de olhos,
basta o tato da terra.

64. Linha enlaçada

Cada raiz encontra outra.
O subterrâneo
é tecido de encontros.
A dobra que fica
também é rede escondida.

Movimento V – O Gesto

65. Toque inicial

A mão roça o pano.
O gesto é pequeno,
mas já abre morada.

66. Borda do copo

Dedos seguem o contorno do vidro.

Não há pressa em beber:

há prazer em tocar.

67. Mão morna

O calor da palma
se mistura ao da madeira.
O instante aprende
a ser corpo.

68. Curva do gesto

A mão se curva devagar,
como galho ao vento.
O gesto é raiz
à superfície.

69. Repouso na fibra

A mão repousa
sobre a fibra leve.
O silêncio se curva junto.

70. Dedos e sopro

Dedos desenharam o ar.

É possível tocar

o que não pesa.

71. Traço no solo

A mão toca o chão.
A terra responde,
e o corpo entende:
tudo é contato.

72. Dedos repousados

Os dedos descansam.
Não desenham,
não pedem:
apenas sabem estar.

73. Mão que hesita

A hesitação é também gesto.
Na demora,
nasce permanência.

74. Copo luminoso

A mão encontra o copo.
O vidro reflete a claridade.
Entre tato e luz,
um instante se acende.

75. Silêncio da palma

Na palma aberta,
o silêncio cabe inteiro.
Não há palavra
que diga mais.

76. Desenho no chão

Dedos traçam no solo
linhas sem destino.
Mesmo efêmeras,
elas sustentam memória.

77. Mão suave

A mão não se impõe.
A suavidade é força
quando repousa.

78. Gesto firme

Sem pressa,
a mão se fixa.
Não para dominar,
mas para permanecer.

79. Repouso da mão

A mão recolhe o gesto
e volta a ser silêncio.

Até o descanso
é criação.

80. Traço último

Um último traço
se desenha no ar.
Não é fim:
é retorno ao instante
que nunca cessa.

Epílogo

81.

O dia vai se desgastando
na borda do vidro,
onde uma gota cai
e fica ali,
sem iluminar ninguém.

O corpo que restou
quando tudo já serviu
ainda aquece o chão,
onde ninguém passa —
e fica assim,
sem pressa de ir.

82.

O silêncio tem uma dobra
que não se abre —
nela se abriga
o que não tem nome.

A luz deixa uma marca
que não apaga —
nela se aninha
o que não tem fim.

O gesto tem um peso
que não se larga —
nele se sustenta
o que não serve.

Nada se alcança,
nada se perde —
só o instante que fica,
sem uso,
sem necessidade.

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi™*, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado* (2013), *Clown* (2014), *Cartas para Ninguém* (2017), *Cinza de Bronze* (2020), *Silêncio Alto* (2024) e *Antes que Derrubem* (2025). Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Esta edição digital de As Dobras
foi composta em EB Garamond,
fonte renascida do traço de
Claude Garamont (século XVI)
por Georg Duffner e Octavio Pardo.

Cada palavra aqui repousa
sobre a superfície luminosa,
onde a luz substitui o papel
e a dobra é feita de tempo.

Nenhuma impressão,
mas o mesmo gesto antigo:
a letra respirando entre pausas.

Publicada por *Ars Verbi*TM,
Lapa – Paraná – Brasil,
no ano de MMXXV.

